

Mesa da noite (quarta-feira, 09/11, 19:00-22:30)

Local: Auditório do DFL

## **POR QUE AINDA LER (CRITICAMENTE) JÜRGEN HABERMAS?**

Prof. Dr. Arthur Eduardo Grupillo Chagas (PPGF-DFL-UFS)

**Resumo:** Já não se fala mais tanto de Habermas quanto nas décadas de 1990 e 2000, e é apenas contingente que isso coincida com a sua velhice; para mim, o mais relevante é que isso coincide com o advento das mídias sociais, com a erosão quase completa da esfera pública, conseqüentemente da democracia e do Estado de direito. Porém, da mesma forma que a primeira geração de Frankfurt foi essencial para uma teoria crítica dos meios de comunicação de massa, defendo que Habermas ainda é muito atual para uma teoria crítica das mídias sociais. Entretanto, é possível que a retomada da sua obra talvez tenha que esperar um pouco o *frisson* dionisíaco dos últimos anos com essas tecnologias arrefecer.

**Palavras-chave:** Habermas; racionalidade comunicativa; esfera pública; democracia; mídias sociais.

## **DAVID HUME SOBRE A NARRATIVA HISTÓRICA**

Profª. Msc. Alana Boa Morte Café (PPGF-UFGM)

**Resumo:** Na comunicação, discuto algumas considerações que Hume faz no *Tratado da natureza humana* e na *Investigação sobre o entendimento humano* acerca das regras para composição de narrativas históricas. Entendo que Hume adere às convenções tradicionais de como organizar o encadeamento da narrativa histórica: histórias devem seguir, tanto quanto possível, a ordem cronológica e justificar a necessidade de subvertê-la quando for necessário arranjar a narração segundo outros critérios. As considerações da primeira *Investigação*, no entanto, sugerem inovações nos arranjos narrativos das histórias, na medida em que atribuem a quem escreve histórias a tarefa de remontar as “molas e princípios secretos” (EHU 3.9) que explicam o desenvolvimento dos fenômenos abordados na composição. Quanto a isso, pretendo mostrar que, embora uma exposição completa da cadeia de causas idealmente encontre sua forma mais acabada na própria narrativa, nem sempre é possível resolver a

**O Manguezal - Revista de Filosofia - ISSN: 2674-7278**

“Caderno de Resumos da XXIII Semana de Filosofia do DFL-UFS”

São Cristóvão/SE, v. 3, n. 13, jul.-dez. 2022.

relação entre narrar e explicar sem tensões. Consolido os argumentos da comunicação com algumas observações sobre a organização que Hume adota para sua *História da Inglaterra*: a meu ver, a *História* reforça o primado da narrativa para composições históricas sem deixar de aventurar-se, porém, no uso de dispositivos talvez mais heterodoxos para a exposição completa das causas que expliquem o desenrolar dos eventos retratados.

**Palavras-chave:** David Hume, história, narração, *História da Inglaterra*.

## **INTOLERÂNCIA FILOSÓFICO-RELIGIOSA EM LEIBNIZ: OS CASOS ESPINOSA E WACHTER**

Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL-PPGF-UFS)

**Resumo:** Em “História, Política e Linguagem na Modernidade” (2018) já avançamos aquilo que consideremos ser o fundamental para compreender em que medida a filosofia da linguagem e da história defendidas por Leibniz estão imediatamente associadas com sua posição política quanto à Alemanha dever desempenhar o papel de liderança com relação à Europa e, a partir dela, do mundo; pretendemos voltar a essa questão agora pensando como a defesa muitas vezes bastante agressiva de sua filosofia da religião, seu protestantismo filosófico, também tem um viés político muito claro especialmente quando consideramos as notas que Leibniz escreveu sobre o livro de John George Wachter as *Animadversiones ad Joh. Georg. Wachteri librum De recondita hebræorum philosophia (Observações críticas ao livro De recondita hebræorum philosophia* [Sobre a hermética filosofia dos hebreus] de Johann Georg Wachter), às quais Foucher de Careil, em 1854, deu o título de *Réfutation inédite de Spinoza par Leibniz*; trata-se de um texto curto escrito por volta de 1706 que parecia dar resposta definitiva à opinião de grande parte dos comentadores alemães dos idos de 1840 quanto a Leibniz (1646-1716) não ser, em hipótese nenhuma, um filósofo espinosano; o que pretendemos discutir é justamente como tal crítica dura ao texto de Wachter e à filosofia de Espinosa pretende reafirmar a posição central da Alemanha, agora em termos de uma religião mais ilustrada, ou seja, de um protestantismo alemão baseado em uma filosofia monadológica.

**Palavras-chave:** Leibniz, Wachter, Espinosa, protestantismo, política.

**O Manguenzal - Revista de Filosofia - ISSN: 2674-7278**

“Caderno de Resumos da XXIII Semana de Filosofia do DFL-UFS”

São Cristóvão/SE, v. 3, n. 13, jul.-dez. 2022.